



CAMINHANDO NAS RUAS OU COMPARTILHANDO UMA IMAGEM: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS NOVAS FORMAS DE REALIZAR AÇÕES COLETIVAS ATRAVÉS DA REALIDADE VIRTUAL

Daniele Prates Pereira ¹

Gabriela Basso Alpini ²

Mônica Olivo ³

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo compreender os novos movimentos sociais e a participação dos sujeitos em ações coletivas online. O grande questionamento a ser pesquisado foi se as ações coletivas que ocorrem na internet poderiam caracterizar movimentos sociais. O trabalho foi desenvolvido através de coleta de dados teóricos e da observação de ações coletivas na internet, analisados por um viés dedutivo. Através do processo de pesquisa, verificou-se que, ao se adotar um conceito tradicional de movimentos sociais, no sentido de que os mesmos desenvolvem ações coletivas com o objetivo de transformar uma ordem, as ações coletivas na internet podem sim contribuir para uma nova dinâmica de atuação, porém, é necessário ainda o acontecimento concreto, real, para que as ações tenham efetividade.

Palavras-chave: ações coletivas; internet; movimentos sociais.

ABSTRACT

This essay aims to understand the new model of social mobilizations and the acting of the social actors in virtual actions. The research question is if the actions from the people who get together with the same aim that happen online can be conceptualized as a social mobilization. The essay was developed based on theoretical data and observing the virtual actions that could be understood by a union of aims and ideals. The deductive method was used for the approaching. The results showed that when adopted a traditional concept of social mobilization, in which it's necessary that the actions are led to provide social transformation, the actions happened in the virtual scenery brings a new dynamic to the social mobilization, but still it is needed some actual and concrete action for a large effectiveness.

Key-words: collective actions; internet; social mobilizations.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tenta contextualizar as novas mídias com a atuação dos indivíduos na busca por seus direitos. Ao longo dos tempos verificou-se que grande parte das conquistas de direitos, garantias e políticas públicas partiu de organizações dos sujeitos em grupos. Dentro de tal perspectiva, e no contexto do Brasil enquanto Estado Democrático, é

¹ Graduada em Direito e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Francisco Beltrão. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Direitos Humanos (GPDH) da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão. dany_ppereira@hotmail.com

² Acadêmica do terceiro ano de Direito na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Francisco Beltrão. gabrielabasso_al@hotmail.com

³ Acadêmica do segundo ano de Direito na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Francisco Beltrão. monica_olivo@hotmail.com



fundamental discutir-se as novas formas de manifestação da sociedade, para que o poder público em geral possa ter maior efetividade na leitura desses novos discursos que se apresentam. A problemática proposta para a pesquisa foi a de se analisar, dentro das práticas coletivas virtuais, as ações que poderiam caracterizar novas formas de atuação e organização dos movimentos sociais. Foram traçados como objetivos compreender os movimentos sociais, sua evolução histórica e analisar os novos movimentos, dentro da configuração social contemporânea, em ações intermediadas pela internet. A metodologia utilizada foi coleta de dados teóricos nas áreas das ciências sociais aplicadas, especialmente na área da comunicação, e, a abordagem foi realizada através do método dedutivo. Ainda, a observação do mundo virtual foi utilizada, no intuito de verificar naquele universo, ações que pudessem representar o objeto de estudo, a fim de materializar o processo de construção teórica.

1 CONCEITO DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais são frutos do desenvolvimento de uma sociedade complexa e se desenvolvem a partir de uma força social coletiva e organizada. Esta força decorre de correntes de pensamentos e práticas sociais, que estão relacionadas com a cultura, determinações sociais, políticas e econômicas de uma sociedade, exercendo grande influência sobre os rumos da sociedade.

Uma definição genérica de movimentos sociais é apresentada por Santos (2008a, p. 257) citando Dalton e Kuechler: “um setor significativo da população que desenvolve e define interesses incompatíveis com a ordem política e social existente e os persegue por vias não institucionalizadas, invocando potencialmente o uso da força física ou da coerção”.

Para o autor, a definição conceitual de movimentos sociais é bastante ampla, podendo-se apontar como características fundamentais: a necessidade de ações coletivas, contestação de uma situação existente em determinada sociedade, e objetivo de transformação de uma ordem.

A complexidade da conceituação pode ainda ser verificada através dos estudos de Gohn (2010), nos quais apresenta diversos paradigmas teóricos acerca das concepções sobre as ações coletivas que pudessem ser compreendidas como movimentos sociais (paradigmas europeus, norte-americanos, latino-americanos e suas vertentes ao longo dos tempos). Das discussões da autora, é possível se afirmar que, a transformação da sociedade modifica suas



demandas, e modifica, conseqüentemente, a forma de luta por elas.

Além da complexidade do conceito de movimentos sociais, ainda as formas de atuação dos sujeitos de forma organizada acaba também adquirindo um perfil multifacetado. Isto porque o ponto de partida das ações coletivas, em regra é específico, mas os participantes vão adquirindo consciência de que as questões da desigualdade ou da injustiça social não serão eliminadas apenas com a resolução de problemas específicos. (SANTOS, 2008b, p. 14).

Surge também, juntamente com a compreensão de movimentos sociais, a compreensão do sujeito que atua, cria, organiza, pensa as atuações desses movimentos. É o ativista:

É “mais” que um militante - participa de um grupo, segue seus ideais, mas também vai às ruas e cria situações de confronto com seus alvos – e “ menos” que um revolucionário – suas ações não buscam remodelar o sistema de poder vigente de forma impositiva. O ativista é um agente engajado, movido por sua ideologia a práticas concretas – de força física ou criativa – que visam desafiar mentalidades e práticas do sistema sócio-político-econômico, construindo uma revolução a passos pequenos. (ASSIS, 2006, p. 24)

Sendo assim, quando se fala em movimento social, pensa-se em ações empreendidas a partir da conscientização, que permitem a organização de uma coletividade, direcionando-a a solução/transformação de uma situação real.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA GERAL

Desde as organizações sociais mais primitivas, homens e mulheres foram unindo-se por ideais comuns. Do século XVIII ao século XXI a sociedade caminha para processos de ruptura com o modelo social hegemônico, surgindo a semente da participação civil e da mobilização social, em busca de objetivos comuns, especialmente pela união e luta de indivíduos revoltosos na Independência dos Estados Unidos e na Revolução Francesa.

A Independência dos Estados Unidos começou a dissipar o pensamento que pregava o direito à mobilização, organização e rebelião contra a tirania. Mello e Costa (2006, p. 119) apontam que os três fatores culminantes para a independência das 13 colônias foram: a guerra dos Sete Anos, a política monopolista da Grã-Bretanha e as ideias liberais do Iluminismo. Com o fim da guerra dos Sete Anos, a Inglaterra foi afetada por uma crise financeira. Para reverter esse quadro, implantou uma política monopolista colonial mais ofensiva, impondo medidas que afetaram gravemente as atividades econômicas coloniais.



Impulsionados pelos ideais liberais do Iluminismo, provenientes da Europa, os colonos americanos se mobilizaram para travar uma importante luta contra a opressão metropolitana. Em 1776, o Segundo Congresso Continental, aprovou a Declaração de Independência, redigida por Thomas Jefferson. Porém, apenas em 1783 a Independência Norte Americana se concretiza.

Segundo Hobsbawm (2005, p. 85), a independência Norte Americana fundou-se num caráter mais regionalista enquanto a Revolução Francesa teve um caráter mundial, sendo um grande marco na história das revoluções.

A sociedade europeia medieval era fundada em uma estrutura social aristocrática, estratificada, que legitimava o poderio da igreja católica. Excluídos da vida social, vivendo como párias, mas com o domínio das finanças, do comércio e da indústria, estava a classe burguesa⁴. De acordo com Mello e Costa (2006, p. 140), a população de Paris rebelou-se, invadiu a Bastilha e libertou os prisioneiros, dando início à Revolução Francesa, durante a qual muitos grupos se uniram em defesa de interesses comuns - mudança social, liberdades, oportunidades. Em 1799, o general Napoleão Bonaparte assume o poder, instituindo o Estado Moderno, concretizando o triunfo da revolução.

A Revolução Francesa foi um marco para as movimentações sociais, servindo como modelo de rebelião política. Nas palavras de Hobsbawm (2005, p. 163):

Ao contrário das revoluções do final do século XVIII, as do período pós-napoleônico foram intencionais ou mesmo planejadas. Pois o mais formidável legado da própria Revolução Francesa foi o conjunto de modelos e padrões de sublevação política que ela estabeleceu para uso geral dos rebeldes de todas as partes do mundo.

Conquistadas - as liberdades (pelo Direito positivado) e a criação dos Estados (com força para fazer valer o direito) - as movimentações sociais iniciaram-se novamente apenas mais tarde, com a Revolução Industrial, em busca de condições dignas de trabalho. Depois dessa conquista, os focos se modificam, recaindo sobre a diminuição das desigualdades e produção de maior justiça social. Para Bonavides (2011), as pessoas passaram a se mobilizar

⁴ A burguesia surgiu na Europa, durante o período da Idade Média, e era composta, em geral, por comerciantes de roupas, joias e especiarias, recebendo este nome, pois estes indivíduos moravam em cidades afastadas, protegidas por muros, e estas eram denominadas burgos. A burguesia cresceu muito durante os séculos e participou ativamente da Revolução Francesa e Industrial, sendo desprezados pela nobreza. (O SIGNIFICADO, 2012)



por ideais, os quais proporcionaram uma união e organização da sociedade em busca da sua concretização.

A sociedade se organiza, e desenvolve ações coletivas com um fim de transformação, em geral, em um processo dialético com o Estado. Ou seja, a mudança objetivada deveria ser realizada pelo Estado. Dentro desta perspectiva, os novos movimentos sociais foram diretamente relacionados ao conceito de cidadania e com a luta por direitos (ou seja, prestações negativas ou positivas do Estado), podendo abranger tanto as reivindicações mais gerais quanto as mais específicas:

Os movimentos sociais eram identificados basicamente como um produto da ação histórica da sociedade, ante as contradições do sistema capitalista. Tal interpretação da natureza dos movimentos sociais foi particularmente característica nas abordagens marxistas-estruturalistas. Esta leitura se foi tornando antiquada à medida que os movimentos sociais passaram a proliferar, ganhando notável complexidade e alcance com o surgimento de organizações e coletivos que lutavam pelas causas mais diversas. Surgiu então o termo “novos movimentos sociais” para designar tais coletivos que não encontravam uma interpretação satisfatória na maioria das interpretações predominantes. (MACHADO, 2007, p. 06)

Os movimentos utópicos do século XX que visavam à transformação do homem e da sociedade foram sendo superados pela tendência dos movimentos sociais se debruçarem sobre as questões relacionadas com a vida cotidiana. Santos (2008b, p. 12), citando Boaventura de Sousa Santos afirma:

A denominação novos movimentos sociais acompanha a terminologia europeia para designar aqueles movimentos que após os anos 70, surgiram na Europa com a crise do estado do bem-estar social e da própria sociedade industrial, empreendidos principalmente pela classe média e relacionados às questões de gênero (movimento feminista), ambientalistas, sexuais, dentre outros.

Enquanto os movimentos utópicos viam a realidade como estranha e contingente; ao contrário, os fóruns sociais e movimentos espontâneos e informais passaram a se preocupar mais com os problemas que visassem a aperfeiçoar a ordem existente: surgem então movimentos civis e políticos nos anos 60 e 70, compreendidos como movimentos alternativos (ações coletivas fora dos padrões).

O movimento feminista ganhou força nos anos 60, já que as mulheres assumiram os afazeres “masculinos” na sociedade pós-guerra (principalmente nos Estados Unidos). Como afirma Coelho (2002, p. 71): “A mulher das nações beligerantes provou admiravelmente o



valor do seu alevantado civismo e da sua indiscutível capacidade no desempenho de todas as profissões masculinas.”

O movimento hippie, grupo formado em sua maioria por jovens de classe social estável, defendia o amor livre, lutava pela ampliação dos direitos civis e o fim das guerras: “essa geração [...] ao invés de pegar em armas, revirava com as bases sociais, os costumes e se expressava através de festivais, encontros, música, amor livre, drogas e religiões alternativas”. (CRUZ, 2009, p. 2)

Dessa forma, a grande característica dos novos movimentos sociais era a forma diferenciada de articulações e ações coletivas. Diferente das grandes revoluções, as armas passaram a ser o discurso argumentativo, a manifestação nas ruas, os acontecimentos ou *happenings*⁵ (como a queima de sutiãs e greves de fome).

3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Segundo análise de Souza (2004), a primeira fase dos movimentos sociais brasileiros foi embasada em teorias marxistas. Os movimentos iniciais foram bastante característicos: de um lado as atuações no meio urbano – onde as reivindicações eram lutas por creches, escolas públicas, moradia, transporte, saúde e saneamento básico – e de outro, as atuações no meio rural – organização de boias-frias, posseiros, sem-terra, arrendatários e pequenos proprietários.

A partir da década de 50, a estrutura social brasileira começa a mudar e com isso os movimentos sociais e as reivindicações também se alteraram, sendo impulsionados pelas pequenas associações de moradores e pela igreja católica. De acordo com Souza (2004, p. 02), “Os movimentos populares urbanos foram impulsionados pelas Sociedades Amigos de Bairro – SABs – e pelas comunidades Eclesiais de Base – CEBs.”.

Com o regime militar, tais organizações populares receberam forte repressão, porém não se calaram. A juventude, inclusive, utiliza as manifestações artísticas como forma de

⁵ De acordo com Barbosa e Rabaça (2001), são conhecidos como “evento” e são acontecimentos que objetivam atrair a atenção de um público ou da imprensa. Foi uma das estratégias utilizadas pelos movimentos sociais para chamar a atenção aos seus discursos, e ao longo do tempo foram apresentados de forma organizada, ou espontaneamente, de forma pacífica, artística ou através de transgressões.



burlar a censura e expressar suas ideias revolucionárias. A força da organização social foi fundamental para a reabertura democrática brasileira.

O fim do regime militar, a realidade política internacional (fim da Guerra Fria) e o desenvolvimento tecnológico ajudaram a fixar o modelo capitalista, e o ressurgimento da democracia. Neste momento, o modelo de organização dos atores sociais em movimento modifica seu olhar para a inclusão das minorias e os direitos humanos:

Na década de noventa, o paradigma do conflito social e a oposição violenta começaram abruptamente a ser suplantados ou transfigurados em outros imaginários sobre a inclusão, a integração social e o pluralismo, os direitos humanos, o reconhecimento das minorias, as identidades e o direito à diferença. (VIZER, 2007, p.30)

Neste período, a luta e a organização dos movimentos sociais, bem como as ações coletivas por eles realizadas, já não são homogêneas. Grupos passam a construir suas próprias lutas, e os indivíduos passam a transitar pelos ambientes de sociabilidade e de atuação. Verifica-se, de acordo com Gohn (2010, p. 302), que “O conflito social deixa de ser simplesmente reprimido ou ignorado e passa a ser reconhecido, posto e reposto continuamente em pauta nas agendas e negociações”.

A cara dos novos movimentos sociais traduz-se na sua diversidade, devido à existência de espaços velozes e flexíveis: algumas vezes mais contidos e outras abrindo portas à utopia. Dentro desta perspectiva, percebe-se a ampliação dos meios de comunicação, passando a sociedade a desenvolver novas formas de interação, bem como de demandas sociais. Assim, é necessário repensar os movimentos sociais, enquadrando-os neste novo contexto.

4 A MÍDIA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

No mundo contemporâneo, as informações e interações são catalisadas pela mídia. Os meios de comunicação assumem um sentido de base material para a sociedade, interferindo, ampliando e renovando as formas pelas quais os sujeitos constroem seu posicionamento no mundo. O termo mídia é usado como um conceito-ônibus, pelo fato de abranger uma gama enorme de fenômenos, acontecimentos e transformações, que envolvem a política, o jornalismo, a publicidade, o marketing, o entretenimento, enfim, é o conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana (GUAZINA, 2007).



O surgimento da mídia influenciou a mudança de atitudes e os comportamentos de consumo, bem como as próprias identidades, modelos de organização, de sociabilidade e comportamento. (MELLO e COSTA, 2006, p. 80)

Considerando que o tipo de mídia mais interativa atualmente é a Internet, pois há necessária alimentação dos bancos de dados da rede pelos sujeitos reais, percebe-se que esta desempenha um papel decisivo na construção social da realidade, pois intervêm na disponibilização de um corpo de conhecimento essencial para a percepção do mundo e para a atuação social, seja ela virtual ou concreta.

Com as novas tecnologias de informação e comunicação, houve a possibilidade de ampliação da capacidade de produzir, reproduzir, compartilhar, expressar e difundir fatos, ideias, valores, experiências em torno de interesses, em um espaço curto de tempo (MACHADO, 2007). Os indivíduos que antes se encontravam dispersos ou isolados, agora podem concentrar suas ações em torno de uma causa comum, ultrapassando aquelas barreiras geográficas existentes anteriormente. Com isso, os ambientes de interação online começaram a ser vistos como um ambiente político, social e plural sadio.

As identidades dos sujeitos e atores coletivos sempre se constroem num processo dialógico de identificações, todavia, na internet, essas identidades aproximam-se, por força da diluição das barreiras de tempo e espaço, facilitando as interações em relações a temas e demandas similares, através de fóruns, *e-mails*, redes sociais, *blogs*, etc. (MORAES, 2007)

A internet atualmente possibilita uma comunicação rápida, trazendo caminhos para interação política, social e econômica, considerando que nela o indivíduo pode assumir vários papéis. É um ecossistema digital, que se caracteriza por uma arquitetura descentralizada, com múltiplas fontes de emissão, fluxo ininterrupto de dados, sons e imagens e utilização simultânea. (MORAES, 2007).

O que ocorre nos espaços midiáticos é uma crítica realizada por diversos agentes a partir de suas posições individuais, e o que vai uni-los é a condenação de um *status quo* não condizente com seus ideais; ainda, por ser um movimento diversificado, composto por pessoas e não por entidades, o discurso será construído com base no grande público. (DIAS, 2007, p. 211-214).

É a parte organizacional dos movimentos sociais que vai contar com as potencialidades da Internet, para que os ativistas ou potenciais ativistas adquiram mais informações ou tenham conhecimento de outras materialidades significantes. Esse tipo de



ação online é essencial para que o movimento social ganhe visibilidade e seja assim, reconhecido por um maior número de pessoas (DIAS, 2007, p. 215).

As redes são espécies de cédulas dormentes, que podem ser ativadas a qualquer momento. Machado (2007, p. 26) afirma que:

Em suma, a rede é um espaço público que possibilita novos caminhos para interação política, social e econômica. Principalmente pelo fato de que nela qualquer cidadão pode assumir, ao mesmo tempo, uma variedade enorme de papéis – como cidadão, militante, editor, distribuidor, consumidor, etc. – superando as barreiras geográficas e, até certo ponto, as limitações econômicas.

Retomando o conceito de ativista anteriormente apresentado, na atuação dos sujeitos virtuais, sempre haverá os divulgadores de ideias (de forma consciente ou não), e os ativistas, que buscarão, através da internet, além da divulgação, a transformação da realidade.

Alguns autores tecem críticas ao universo virtual. Para eles, pelo enorme número de informações que circulam por dia na rede, pode acontecer de o sujeito reproduzir mensagens viciadas, sem saber se o interlocutor tem acesso à fonte original, sem questionar a fidedignidade das fontes (SILVA, 2003). Para Dias (2007, p. 219), as ações dos movimentos sociais pela internet podem ter certa previsibilidade, e com isso, as forças de segurança poderiam conseguir impedir ou amenizar o impacto das ações. As atividades ganham publicidade antes de se concretizarem. Em que pese tais posicionamentos, não se pode negar que a internet proporcionou uma nova dinâmica para a mobilização social.

De acordo com Machado (2007), as ações midiáticas apresentam: a) maior proliferação das organizações civis e sua integração, criando novas formas de aliança de alcance global; b) aumento das formas de mobilização; c) tendência de flexibilidade, descentralização e integração; d) dinamismo; e) minimalismo organizacional-material; f) podem existir tanto ideais universalistas como particulares; g) maior poder de articulação e eficiência; h) multiplicidade de identidades e circulação de militantes; i) diluição do espaço e tempo.

O caso KONY2012 (online, 2012) pode ilustrar tais características. O movimento surge a partir da divulgação de um vídeo produzido por um ativista, no qual narra para seu filho suas lutas pelos direitos humanos iniciadas em uma viagem à Uganda, África. No vídeo, além de explicar o início de sua relação com o país africano e um menino do local, conta sobre o Movimento pelas Crianças Invisíveis (ONG que toma as rédeas da movimentação),



crianças estas que são sequestradas por um guerrilheiro chamado Joseph Kony, inimigo número um dos órgãos internacionais de defesa dos direitos humanos. A intenção do movimento, também divulgado através de um website, é que as pessoas divulguem quem é Kony para seus contatos, para pessoas famosas, para políticos, a fim de que em algum momento no ano de 2012 algum organismo internacional ou países aleatórios direcionem recursos e forças militares com o intuito de parar o referido opressor.

Neste caso, foi criada uma estratégia de divulgação em rede, através do vídeo, que inclusive propõe que os divulgadores comprem um kit Kony, com adesivo de outdoor, camiseta e bracelete, para que as pessoas nas ruas também comecem a questionar quem seria Kony. Para os ativistas, nada é feito em face de Kony porque ele é desconhecido, e assim, torna-se invisível. O objetivo maior seria então, torná-lo visível ao mundo, tornando assim a demanda das crianças também visível, e assim, gerar pressão nas autoridades ao redor do mundo para que tomem uma atitude, não por questões econômicas ou políticas, mas porque seria o correto a ser feito.

Depois de toda essa mobilização, um segundo vídeo foi lançado, mostrando que com a força de todos, muitos jornais em grandes redes de mídia televisiva, muitos artistas e políticos estão sendo questionados e estão falando sobre o tema Joseph Kony, o que motiva ainda mais a ação coletiva virtual. Fica claro no exemplo retratado que há um movimento cíclico entre as ações dos sujeitos na realidade e no ambiente virtual.

Considera-se assim, que o ativismo real e o virtual estão andando lado a lado, pois a internet estimula as ações coletivas, acelerando os movimentos através de debates, reproduções de informações, divulgação, criação de ações coletivas (*passseatas*, *happenings*, entre outras).

CONCLUSÃO

Conforme se destacou, mídia, mais especificamente, a Internet traz um leque de possibilidades de interação social, proporcionando novos horizontes para o engajamento em lutas sociais. Com isso, potencializa a construção da cidadania e o fortalecimento da democracia, porém deve-se atentar que ela ainda é um meio limitado, pois não atinge toda a população. Portanto, a intenção de iniciar ou instigar movimentos sociais na internet é um “bom negócio”, mas ainda encontra-se em fase inicial.



Destarte, deve-se ter em mente os alcances e limites do ativismo virtual, afastando-se da ingenuidade de acreditar que ele, apenas ele, revolucionaria a sociedade. Atualmente, o grande papel da internet está no momento inicial instigador das mobilizações sociais, na divulgação de ideias, compartilhamento de imagens e vídeos, mas é necessário que se crie uma ação na realidade concreta, como demonstrado pelo caso Kony.

Assim, em muitos momentos os sujeitos acabam iludindo-se com uma inocência de participação que lhes afaga a consciência, gerando ilusão de que apenas compartilhando imagens ou textos já se estariam produzindo mudanças. Por outro lado, não se pode pensar que o simples fato da divulgação já não seja um avanço, porque a tempestade de uma mesma imagem ou vídeo pode realmente chamar atenção para temáticas que talvez não fossem discutidas, ou, pode fazer com que a discussão chegue a sujeitos que não a buscariam.

As redes virtuais com certeza conferem outras dimensões culturais aos movimentos sociais, aumentando o seu alcance e suas possibilidades, mas não reinventam sua essência. Uma ação coletiva online, ainda que no contexto atual, não pode ser considerada como movimento social, se esta não materializar-se em ações concretas. A mídia catalisa os processos de mudança social levando conhecimento e informação, e é por isso que os processos midiáticos e os movimentos sociais são fortes aliados para difundir e compartilhar valores, visões de mundo e experiências diversas.

Pode-se afirmar com certeza que a interação virtual está construindo uma nova cultura de solidariedade social, servindo para se pensar as necessidades do outro (alteridade), e abrindo o leque de olhares àquilo que não é uma demanda apenas local. Observando a grande gama de ações coletivas online que acabam gerando acontecimentos/eventos concretos, percebe-se que os indivíduos estão tendo um espaço maior para lutar pelas pessoas, no sentido de garantir dignidade, grande princípio constitucional.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação strictu sensu em ciências da comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo – RS: jan/2006. Disponível em: <http://btdt.unisinos.br/tde_arquivos/6/TDE-2006-10-13T070310Z-88/Publico/Taticas%20ludico-midiatico.pdf>. Acesso em: mar/2012.

BARBOSA, Gustavo & RABAÇA, Carlos Alberto. Verbete “evento”. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 2001.



COELHO, Maria. **A evolução do feminismo**: subsídios para sua história. ed 2. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

CRUZ, Mareska Roberta. **Contracultura e religiões alternativas**. Anais de evento. XVII Congresso interno de iniciação científica da Unicamp. 23 e 24 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/mareska_cruz.pdf>. Acesso em: fev/2012.

DIAS, Renata de Souza. Tematização e circulação de enunciados em mídias radicais, de organização e informativas pelos movimentos de resistência global. (p. 201-230). IN: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (orgs.). **Mídia e movimentos sociais**: linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GUAZINA, Liziane. **O Conceito de Mídia na Comunicação e na Ciência Política**: desafios interdisciplinares. In: REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, jul.-dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufgs.br/index.php/debates/article/viewFile/2469/1287>>. Acesso em: mar/2012.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KONY2012. Vídeos e website divulgando ações coletivas a respeito de Joseph Kony. Disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=LE_DgntYbpw>; <http://www.youtube.com/watch?v=c_Ue6REkeTA&feature=related> e <<http://www.kony2012.com/>>. Acesso em: abr/2012.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias**: novas perspectivas para os movimentos sociais. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 248-285. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n18/n18a12.pdf>>. Acesso em: 26/03/2012 às 23h24min.

MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César Amad. **História Moderna e Contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

MORAES, Dênis de. **Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo**: avanços e dilemas. In: Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación www.eptic.com.br, vol. IX, n. 2, mayo – ago. / 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/226/224>>. Acesso em: mar/2012.

O SIGNIFICADO. Website de definições. Verbete de pesquisa: burguesia. Disponível em: <<http://www.osignificado.com.br/burguesia/>>. Acesso em: mar/2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

SANTOS, Regina Bega dos. **Movimentos Sociais Urbanos**. São Paulo: UNESP, 2008b.

SILVA, Antônio Ozaí. **Internet e militância virtual: a revolução está no ar**. In: Revista Espaço Acadêmico, Ano III, nº 24, maio de 2003, mensal. ISSN 1519.6186. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/024/24pol.htm>>. Acesso em: mar/2012.

SOUZA, Maria Antônia. **Movimentos sociais no Brasil contemporâneo**: participação e possibilidades no contexto das práticas democráticas. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - A questão social no novo milênio. Coimbra: CES, 2004. v. 1. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MariaAntoniaSouza.pdf>>. Acesso em: mar/2012.

VIZER, Eduardo. Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias. (p. 23-52). IN: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (orgs.). **Mídia e movimentos sociais**: linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007.